

“IDEIAS NÃO SÃO METAIS QUE SE FUNDEM”.

O belo título acima não me pertence. Trata-se de uma das mais lembradas máximas do anedotário político, de autoria de Silveira Martins, um dos estadistas do II Império, gaúcho e líder dos federalistas na Revolução de 1893/5 no Rio Grande do Sul. Sua rebeldia não deu certo. Esboroou-se com final trágico na Ilha do Desterro, então capital de Santa Catarina, diante do incruento exército republicano de Julio de Castilhos. Desde então, aquela cidade passou a se chamar Florianópolis, em suposta homenagem ao Presidente Floriano Peixoto, salvo pelos pica-paus a seu serviço. Os tempos, porém, dissolvem até as ideias e, afinal, hoje, assistimos, na corrida presidencial, a uma mistura de siglas e ideologias pouco consistentes. Talvez tenhamos descoberto, nestes “Tristes Trópicos”, a diversidade ideológica presente nos 33 Partidos organizados no país, que outras paragens ainda desconhecem. Mas, feliz ou infelizmente, não teremos 33 candidatos a Presidente. Os acertos e conluios vão se delineando em coligações, mais em função de interesses do que por ideologias, reduzindo este número, ainda assim, grande. Os que permacerem em vôo solo, como Henrique Meirelles, do PMDB, Ciro Gomes do PDT e Manuela d’Avila, do PCdoB e, provavelmente, Jair Bolsonaro, pra não falar dos eternos candidatos nanicos tipo Eymael, da Democracia Cristã e Felix “canal excretor”, do PRP., assim estarão, não tanto por convicções, mas por fracasso nas tentativas de composição. Interesses, a propósito, não só quanto à disputa à Presidente mas também à candidaturas regionais, majoritárias e proporcionais. Aldo Fornaziere, Cientista Político, reconhecidamente de esquerda adverte:

*Autodestruição: a direção nacional do PT, ao longo dos anos, inviabilizou e destruiu o PT no Rio de Janeiro. Agora, a direção nacional do partido decidiu destruir o PT de Pernambuco. No Ceará, o PT rifou a candidatura de José Pimentel ao Senado, abrindo todo o campo para a reeleição do golpista Eunício Oliveira.*

Falando em PT, também condenado ao isolamento, continua apostando no peso pesado de Lula como referência. Vai indicá-lo com candidato e levar o caso às últimas instâncias de Justiça, contando em ter seu nome e foto na cédula no dia eleição, mesmo tendo sido substituído por alguma nome-poste na undécima hora. No fundo, uma grande confusão a título de celebração democrática. Muitos de seus defensores, como Wanderley Guilherme dos Santos, decanos dos analistas políticos no Brasil, não poupa críticas e denuncia a Ópera Triste e a Sedução da Tirania:

*A declaração do Partido dos Trabalhadores de que o candidato indicado será a sombra de Lula é uma declaração indecente. A naturalização da figura de “poste de Lula” como legítimo representante da população é acintosa. Trata-se de convite explícito ao eleitorado a que cooneste uma farsa, descrita com requinte. Segundo membros da Executiva do PT, o indicado terá que ser leal e limitar-se a ser o intermediário da palavra de Lula. Na campanha, dirá que todas as suas decisões serão decisões de Lula. Ora, jamais um candidato das forças populares teve a ousadia de se apresentar como boneco falante. As declarações, transcritas pelo jornalista Luiz Nassif, não foram contestadas.*

<http://insightnet.com.br/segundaopiniaio/>

Volto às preferências das pesquisas de opinião. Fato principal: Mais de metade dos 147 milhões de eleitores, de maioria mulheres e pouquíssimos jovens, optará, certamente, pelo não-voto, seja não comparecendo às urnas, seja anulando o voto ou votando em branco. Do que sobra, isto é, cerca de 40%, muito pouco, em torno de 35% está com Lula, seguindo, aliás de longe, por Bolsonaro, em torno de 25%. Ambos, porém, têm elevada rejeição, como também os outros concorrentes mais próximos. Veja-se: segundo matéria de Helena Chagas, com base no Instituto Paraná:

*Lula: 54,1%, mais da metade do eleitorado, o que em tese poderia até inviabilizar uma vitória em segundo turno. Só que não. Seu concorrente mais próximo, Jair Bolsonaro, tem quase a mesma rejeição, só um pouco maior: 54,3%. Também é maior o número dos que dizem que não votariam de jeito nenhum em Marina (55,2%), Ciro (58,9%), Geraldo Alckmin (63,3%) e Fernando Haddad (67%) – o recordista na rejeição, sabe-se lá por quê. O único que tem um índice de rejeição abaixo de 50% é Álvaro Dias (46%), sobretudo porque é desconhecido para 25% desses eleitores.*

Diante disso tudo, embora a poucas semanas do pleito e com o adensamento do arco partidário em algumas coligações, continuamos no escuro. A Democracia, difícil, escorregadia e onerosa é como justiça e virtude: um ideal, de valor universal, Continuamos apostando no seu aprofundamento. Vamos ver...